

Venezuela, uma encruzilhada onde há quem se perde

Respondendo a um plataformista

Redação de El Libertario – Abril 2014

Com algumas semanas de atraso após sua aparição, tomamos conhecimento da existência do artigo “Venezuela na encruzilhada”, publicado inicialmente no jornal chileno *Solidaridad*¹. Seu autor é José Antonio Gutiérrez, chileno radicado na Irlanda e que há muito tempo exerce o papel de porta-voz privilegiado da corrente plataformista ou “comunista libertária” na América Latina. Assim, tudo indica que sua opinião sobre algum tema se converte em orientação a ser seguida pelos grupos dessa tendência no continente, por isso nos interessa se ocupar desse escrito e do que ali se afirma, considerando que o plataformismo se vê a si mesmo como a única interpretação válida e coerente do anarquismo nesta parte do mundo², uma autoatribuição da qual certamente a maioria das iniciativas e grupos ácratas do continente não compartilham.

Como anarquistas, somos necessariamente internacionalistas e repudiamos enfaticamente as defesas patrioteiras que restringem a apenas às pessoas nascidas em determinada fronteira estatal o direito de atuar e refletir sobre o que ocorre nesse território. Mas, também como anarquistas, devemos nos exigir e exigir que essas ações e/ou reflexões estejam fundamentadas no melhor conhecimento possível

1 *Solidaridad*, nº 22, março-abril de 2014, disponível em: <http://www.periodico-solidaridad.cl/2014/02/26/venezuela-en-la-encrucijada>

2 Ver o texto “*El anarquismo estado céntrico del poder popular*”, de Rafael Uzcátegui, em <http://periodicoellibertario.blogspot.com/2014/03/el-anarquismo-estadocentrico-del-poder.html>, e na revista *Ekintza Zuzena*, nº 41, março de 2014.

da realidade sociopolítica, econômica e cultural tratada, fazendo o esforço mais honesto para não omitir dados básicos que permitam desenvolver do melhor modo tanto a prática quanto a teoria do socialismo libertário. Insistimos nesse ponto, porque a crítica essencial que faremos sobre o que foi exposto por José Antonio Gutiérrez é que – não sabemos se por mero desconhecimento ou por outras razões –, por um lado, omite informações e elementos de análise básicos para entender a realidade venezuelana e, por outro, apresenta como verdades axiomáticas ou fatos confirmados alguns pontos que são plenamente rebatíveis ou pelo menos bastante duvidosos.

A “elite” e o rentismo petrolero

Já no primeiro parágrafo, José Antonio Gutiérrez tenta nos impor um conceito peculiar sobre o qual estrutura o essencial de suas opiniões posteriores, referente à existência de uma “elite venezuelana que pratica perfeitamente o manual da estratégia golpista aprendido no Chile”. Para dizer o mínimo, essa afirmação implica completa ignorância de quem poderia hoje integrar o que caberia chamar de elite venezuelana. Caso se entenda quem tem o poder econômico, político, militar e/ou cultural de um país – ou ao menos a parte mais significativa de algum, de

vários ou de todos esses poderes –, é evidente que a hegemonia na Venezuela madurista de hoje está nas mãos do governo e/ou daqueles que estão muito próximos de seus negócios, respaldos e afinidades. É absurdo, para classificar de algum modo, começar com essa afirmação grandiloquente referente a uma elite que está aplicando uma estratégia golpista contra si mesma (?!?!), por isso assinalemos dados básicos que confirmam a magnitude desse disparate:

- No caso de José Antonio Gutiérrez, aludir às empresas transnacionais como os artífices dessa conspiração contra Maduro seria completamente contraditório caso essas corporações fossem tão má agradecidas a esse governante que, igual a seu predecessor – o Comandante Eterno Infinito –, atuou de modo tão favorável a seus interesses, oferecendo-lhes negócios e oportunidades que, segundo os catecismos marxistas usuais, só são possíveis sob governos submetidos a ditames neoliberais do FMI. Para não repetir o que já temos exposto em outros lugares³, remetemos ao que se detalha sobre a feliz associação entre o atual Estado venezuelano e as transnacionais. Também recomendamos a iniciativa de cartografia social “*Venezuela: transna-*

3 Por exemplo, em “*Funerales de Estado, amnesia y anarquismo*”, presente na revista *Tierra y Libertad*, nº 298, maio de 2013.

*cionales, militarismo y resistências*⁴, assim como o que já foi publicado sobre o tema no blog de *El Libertario*⁵.

- Toda caracterização rigorosa da sociedade venezuelana nos últimos noventa anos nos dirá que estamos em um capitalismo rentista petroleiro, situação em que, quase por definição, as elites política e econômica são as que se beneficiam pelo acesso privilegiado aos petrodólares sob controle direto do Estado. Assim ocorreu ao longo do século XX, tanto sob os governos militares como no período da chamada democracia representativa ou “puntofijista”⁶, que vai de 1958 até 1998. Neste marco, de 1999 até hoje, gestou-se um rearranjo parcial nas elites rentistas, que tem desfrutado nestes anos dos mais elevados ganhos por venda de petróleo da história do país. Este tem sido um período, no âmbito institucional, em que a alta burocracia

4 Mapa disponível em: www.nodo50.org/ellibertario

5 Endereço do blog: <http://periodicoellibertario.blogspot.com>.

6 Refere-se ao Pacto de Punto Fijo, acordo feito em 1958 (após o final do regime militar) entre os principais partidos políticos da Venezuela, Acción Democrática (AD), Unión Republicana Democrática (URD) e Comité de Organización Política Electoral Independiente (COPEI), para a reestruturação do sistema político venezuelano. Após quatro anos, a URD abandonou o pacto. Esse período se caracterizou pela manutenção da democracia representativa e pela adoção de políticas clientelistas e assistencialistas. (N.T.)

de militares e civis que exerce o poder estatal passa a ter um papel preponderante, favorecendo a formação da elite econômica por excelência: a *boliburguesia*, em boa medida integrada por vorazes membros desta alta burocracia, e cuja existência desta cúpula do poder econômico José Antonio Gutiérrez ignora ou despreza como dado menor, pois reconhecê-la afunda ou deixa muito mal acabada a interpretação que propõe.

- Deve-se ressaltar o setor militar como a origem da maioria dos integrantes das novas elites gestoras e beneficiárias dos rendimentos do petróleo, hoje a principal fonte de recursos na economia venezuelana, responsável por 96% da entrada de dólares vindos do exterior, em um contexto em que caiu ou desapareceu a produção de outros bens e serviços, tornando a dependência do “excremento do diabo” mais forte do que em qualquer outro momento anterior. Como não se tinha visto na Venezuela desde a ditadura militar que vigorou até 1958, o governo anterior de Chávez e o atual de Maduro têm se caracterizado por uma ampla e avassalante presença de uniformizados em distintas áreas do aparato estatal, nas quais, segundo um recente cálculo, estão presentes em metade dos governos regionais, oito ministérios e 110 vice ministérios,

ocupando mais de 1600 altos cargos em dependências e empresas governamentais ao longo deste quinze anos. E não esqueçamos que, nesse período, também existiu uma generosa concessão de promoções militares, beneficiando por volta de 1800 generais e almirantes. O mesmo vale para a fração do orçamento do Estado correspondente ao gasto militar, que cresceu em proporção maior ao gasto social, o que se evidencia, por exemplo, pelas enormes compras de armamento realizadas nos anos recentes⁷.

Frente a algo tão notável – assim como a recorrente presença dos “assessores” enviados pela ditadura cubana –, parece estar entre o suspeitável e o incompreensível o fato de que José Antonio Gutiérrez apenas mencione de maneira superficial a mais que evidente militarização do governo – e sobre os importados do castrismo não há uma palavra –, sendo que ela é essencial para a compreensão de como opera o atual Estado venezuelano⁸.

- Na seção final do texto, afirma-

⁷ Para referências sobre estes temas, ver <http://periodicoellibertario.blogspot.com/2014/04/todo-lo-que-usted-queria-saber-pero.html>.

⁸ Para os detalhes destas ataduras com Havana, pode-se ver o artigo “Castroburguesía: la jimagua de la boliburguesía”, periódico *El Libertario*, nº 71, que também está disponível no seguinte endereço: <http://periodicoellibertario.blogspot.com/2013/11/castroburguesia-la-jimagua-de-la.html>.



se que a elite afastada do poder pela ascensão de Chávez havia mantido o mínimo de poder suficiente para gerar, logo após a morte do dito cujo, as principais dificuldades que tem enfrentado o governo de Maduro. Semelhante afirmativa não deixa de implicar diversas complicações lógicas e perguntas embaraçosas para quem a apresenta: se o anterior grupo dominante foi deslocado do poder, por que no artigo ainda segue sendo “A Elite”, ou seja, detendo todo ou parte importante do poder? Se, segundo José Antonio Gutiérrez, parte dessa velha oligarquia se manteve no poder simplesmente trocando de camiseta, como isso foi possível e tão fácil em um governo cheio de boas intenções e conquistas revolucionárias, encabeça-

do por tanto tempo por um líder que só apoiaria as posições mais radicais? Desse modo, como assinalar a maligna presença de uma “direita rentista” movendo conspirações golpistas, quando hoje é impossível beneficiar-se dos rendimentos do petróleo sem contar com a aprovação ou cumplicidade de altos militares e burocratas bolivarianos que juram ser de esquerda? E, por último, com tantas pistas e evidências de conexões estreitas entre a elite de ontem e a de hoje, não é mais lógico pensar que um eventual golpe militar só é viável com o respaldo e a benção de ambas, em especial da elite que atualmente controla o Exército ou então são possíveis golpes de Estado sem os milicos?

Desatinos frequentes

Revisando detalhadamente o texto de José Antonio Gutiérrez, encontramos tantas omissões, equívocos e imprecisões pontuais que impossibilita contribuir para um panorama apropriado da conjuntura venezuelana. Elencamos as erratas mais evidentes, pois, se nos ocupássemos a fundo de todas, essa réplica seria demasiadamente extensa.

- Apesar do subtítulo da primeira parte ser “A gênese do bolivarianismo”, se exclui qualquer menção ao que era a ideologia nacional-militarista do

grupo golpista de Chávez em 1992, inspirada em autores como Norberto Ceresole (colaborador da tentativa frustrada de golpe militar na Argentina chamada de “os carapintadas”, devido aos insurrectos utilizarem a maquiagem de camuflagem nos seus rostos⁹), que se manteve e seguiu sendo expressada embora após chegar ao poder, foi acrescentada uma retórica marxista. Não é possível ignorar esse teórico filofascista argentino, a quem o falecido presidente venezuelano tanto aludiu e elogiou.

- José Antonio Gutiérrez nos diz que “o militar reformado Hugo Chávez Frías apresenta sua candidatura às eleições de 1999 como um forasteiro aos círculos de poder”. Considerando que os comícios foram em dezembro de 1998, recordemos que, apesar de não contar com o apoio dos partidos tradicionais AD e COPEI (ambos já em tal decadência que acabaram por desistir de suas respectivas candidaturas para apoiar outro candidato), recebeu respaldo de um significativo setor de certos círculos do poder (por exemplo: os grupos Cisneros e Boulton, importantes empresas de comunicação, como os diários El Nacional e Panorama, além de diversos magnatas

⁹ Referência a sublevação militar contra o governo de Raúl Alfonsín em 1988, sob o comando do tenente-coronel Aldo Rico e do major Ernesto Barreira. (N.T.)

das finanças, destacando-se os bancos Santander e BBVA), canalizado através de operadores políticos de grande peso nos anos seguintes durante o governo Chávez, como José Vicente Rangel e Luis Miquelena. Por isso, deve-se ficar claro que, desde o primeiro momento e ao longo desses quinze anos de “revolução”, uma fração, que não pode ser ignorada, dessa elite, que José Antonio Gutiérrez declara como afastada do poder, seguiu e segue satisfatoriamente associada e desfrutando com gosto dos favores de Estado de igual modo que no período anterior. Se há dúvidas, veja o exemplo do que tem sido a trajetória do setor bancário privado nesse período ou, mais recentemente, a ascensão dos “bolichicos”, esses cães da mais reacionária oligarquia tradicional que, graças as suas ligações com altos burocratas e militares no comando, têm açambarcado fortunas que tornam minúscula a que suas gerações anteriores conseguiram.

Explicar a ascensão de Chávez ao poder do modo equívoco como faz José Antonio Gutiérrez, que a descreve como a irrupção de um *outsider* que “ganhou a antipatia da elite porque, pela primeira vez na história da república, ela era afastada dos círculos do poder”, é ignorar que não houve afastamento, mas sim um rearranjo para incorporar os ambiciosos membros da nova elite político-militar. Só pode

fazer tal afirmação partindo das peculiares crônicas de reelaboração do passado, tão gratas ao chavo-madurismo, em que se apaga e se reescreve a história de acordo com as necessidades do instável presente.

- José Antonio Gutiérrez se deleita em repetir com insistência – sem nunca duvidar ou matizar – alguns dos mitos com os que mais tem insistido a propaganda do chavismo e do madurismo, afirmando que, com seus governos, foi possível, pela primeira vez na história da Venezuela moderna, que os rendimentos do petróleo fossem destinados principalmente a saúde, educação, alimentação dos setores oprimidos, que, na etapa anterior, haviam sido completamente desatendidos. Com semelhante profissão de fé na verdade bolivariana, José Antonio Gutiérrez ignora um elemento fundamental para o capitalismo rentista na Venezuela, ao menos desde meados da década de 1930: os recursos controlados pelo Estado venezuelano são tão abundantes que lhe permitem ganhar amplo apoio, tanto pela via do clientelismo quanto pela execução de certas medidas de redistribuição, mecanismos paliativos ou que procuravam diminuir a pressão das demandas dos de baixo, embora é óbvio que os de cima seguem com a maior parte do bolo. Dito de outro modo, no habitual

dilema estatal em se relacionar com o povo por cooptação ou repressão, o petróleo lhes permitia na maior parte do tempo garantir a tranquilidade, baseadas nas atitudes populistas, deixando a repressão para situações excepcionais, por exemplo, quando os lucros dos hidrocarbonetos diminuía, e, conseqüentemente, restringiram-se tanto o clientelismo como as políticas assistencialistas. Dessa forma, o país não teve que suportar, após 1958, as sinistras ditaduras como em outros lugares da América Latina, pois o populismo social democrata que ocorreu aqui teve sucesso em aplicar políticas assistencialistas que preveniram possíveis conflitos sociais.

O uso de uma parte da renda petroléira (mas nunca a maior porção) por parte do Estado, para ganhar o consentimento coletivo ao modelo de dominação estabelecido vinha de muitas décadas atrás, se aperfeiçoou no período entre 1958 e 1983, data em que sofreu um retrocesso devido a crise nos preços do “ouro negro”, que persistiu até a ascensão de Chávez ao poder em 1999, momento que coincide com o aumento nos preços que chegou pouco anos mais tarde a níveis como não se haviam vistos anteriormente, significando a volta do clientelismo e do populismo rentista que já era tão bem conhecido na Venezuela. Então, dado esse passado,

é bastante curioso que José Antonio Gutiérrez atribua ao atual regime toda possível melhora ou alívio que foi possível chegar até a maioria da população desde que há poços petrolíferos na Venezuela, sendo que a receita tranquilizante via redistribuição limitada de alguns recursos para os de baixo é tão antiga. Se há alguma diferença, seria por conta da quantia de recursos disponíveis (1,3 bilhões de dólares nestes quinze anos!), mas não na tendência ou proporção distribuída em que, por exemplo, o governo da “revolução” teve até 2011 uma média anual de habitações construídas menor ao de qualquer uma das presidências do “puntofijismo”.

- Em seus cânticos de louvor aos benefícios para os despossuídos supostamente alcançados sob a direção de Chávez e Maduro, José Antonio Gutiérrez não titubeia muito em repetir sem se questionar os sentidos comuns da propaganda oficiosa, desse modo sem dar maiores detalhes enumera os êxitos das “missões”, o aparentemente novo acesso dos excluídos à saúde e à educação, que a produção de alimentos está em expansão (aqui se usa o cauteloso adjetivo de “lenta”), ou que “se reduziu a pobreza, a desnutrição e o analfabetismo foi erradicado”. Essas triunfais afirmações, que são dogma de fé para quem só dá cré-

dito à palavra governamental, certamente merecem receber uma resposta muito minuciosa, que as esclareça ponto a ponto, baseando-se em fontes verificáveis e dados comprováveis, embora tal esforço esclarecedor não surte efeito em “fãs” cujas convicções na maioria das vezes estão baseadas por um credo semirreligioso ou por um oportunismo diligente. De todo modo, a tarefa de crítica se tem feito e difundido em vários trabalhos e obras de referência, entre os quais nós destacamos em particular o livro de Rafael Uzcátegui, *Venezuela: la revolución del espectáculo*, os dossiês temáticos de El Libertario, o folheto *Hugo Chávez: la herencia de las quimeras*¹⁰ e a abundante informação sobre esses temas que frequentemente se publica em nosso blog¹¹. Nessas referências há muitas informações para colocar em seu devido lugar a mitologia enaltecida dos supostos avanços sob a “revolução”, que são pura fábula, pois os possíveis resultados positivos são diminuídos pelas sequelas negativas que os acompanham, sendo ou abandonados ou reduzidos ao mínimo como tantas das “missões”. O melhor exemplo é um que é citado e re-citado por José Antonio Gutiérrez: a

10 Estas três referências podem ser encontradas em: <http://www.nodo50.org/ellibertario/textos.html>.

11 <http://periodicoellibertario.blogspot.com>

eliminação do analfabetismo entre a população maior de quinze anos, que o governo venezuelano anunciou em outubro de 2005, para se ver desmentido pelo Censo realizado em 2011, que apontou a existência de 1.039.217 de analfabetos (o que representa 5,23% da população). Tal cifra só indica uma pequena melhora em relação ao registro do Censo de 2001 – 1.082.485 de analfabetos, 7,02% da população – o que não dá nenhuma margem para proclamar que “o analfabetismo foi erradicado”.

Quando a expressão afasta a compreensão

Há outras ocasiões em que, ao longo do texto em questão, há informações de modo tão ambíguo e tortuoso que nos coloca próximos da manipulação. Não nos referimos, que fique claro, à peculiar redação de José Antonio Gutiérrez (ou à falta de revisão em Solidaridad), em que se lê frases incoerentes do tipo: “o período como Punto Fijo”; “Algumas destas medidas incluíram o golpe de abril de 2002”; ou: “O problema é que não há no capitalismo financeiro o controle do comércio exterior”. As expressões que nos preocupam são de outro teor, a saber:

- Protesta-se, com toda razão, sobre por que o Estado nunca deu cifras oficiais fidedignas das mortes ocorri-

das no Caracazo, de fevereiro de 1989¹², porém omite-se que houve a mesma conduta sob o governo de Chávez em relação ao número muito maior de mortos devido às cheias de dezembro de 1999¹³, sobretudo em relação às vítimas da feroz repressão desencadeada com o pretexto de “manter a ordem”. Isto sem contar que mais de catorze anos depois há grandes regiões afetadas por essa catástrofe que ainda está à espera da prometida reconstrução.

- José Antonio Gutiérrez assinala confusamente que um dos motores definidos por Chávez em 2005 para a construção socialista era o “controle de 60% da PDVSA¹⁴ e das negociações petrolíferas multinacionais”. Para quem conhece alguma coisa dos negócios petrolíferos locais e o que tem se passado ali nesses quinze anos, esta frase é incompreensível ou um erro descomunal; não obstante, é provável que, para um leitor desatento de qualquer lugar de fora da Venezuela, pareça como a incrível vitória de ter recuperado o controle

12 Caracazo foi como ficou conhecida a revolta popular contra as medidas econômicas do então presidente Carlos Andrés Pérez. Apesar de Caracas ser o epicentro, a revolta repercutiu no país inteiro e foi duramente reprimida. (N.T.)

13 Nessa catástrofe que abateu o norte da Venezuela, as estimativas são que cerca de 30 a 50 mil pessoas morreram e de 250 a 400 mil ficaram desabrigadas. (N.T.)

14 PDVSA é a empresa estatal petrolífera venezuelana. (N.T.)

majoritário da PDVSA das multinacionais, pois esse leitor desconhece (e José Antonio Gutiérrez não menciona) que essa empresa estava 100% nas mãos do Estado desde sua fundação em 1976 e, assim, podemos supor que este “motor socialista”, se ele existe, só pode funcionar ao contrário. A quem não sabe ou se esqueceu, deve-se afirmar que na PDVSA anterior a Chávez se trabalhava com as multinacionais como empresas contratadas com fins específicos (o que era chamado de associações estratégicas); sob o “socialismo bolivariano”, elas se converterão em sócias de empresas mistas, em que possuem 40% da propriedade dos recursos petrolíferos que antes pertenciam exclusivamente ao Estado venezuelano. Isto ocorreu porque a Constituição de 1999, estimulada e aprovada pelo chavismo, recolocou a possibilidade de privatizar os hidrocarbonetos.

- Ao se referir à Reforma Agrária pregada pelo chavismo, José Antonio Gutiérrez se perde em expressões vagas, afirmando que “desde 2005, vários camponeses têm recebido terras e têm estimulado a migração campo-cidade”. Não faremos ironias fáceis com “vários camponeses”, mas sem dúvida as merece! Além disso, dizer que “têm recebido terras” sugere uma entrega em propriedade a indivíduos ou comunidades, o que não ocorreu, pois essa terras se-

guem sendo patrimônio do Estado. Sobre a migração, daremos o benefício da dúvida e de supor que se trata de ir das cidades para o meio rural, pois o assunto tratado era o incentivo à produção do campo. Todavia, nos últimos censos realizados – em 2001 e 2011 – não há nenhum indicativo de qualquer mudança digna de menção na pequena porcentagem que segue sendo a do campesinato. Os planos fantasiosos sobre esses temas que Chávez se entusiasmava em lançar em seus shows de TV, como o Eixo Orinoco-Apure, os fundos zamoranos, a agroprodução urbana com hortas orgânicas e galinheiros verticais, o novo impulso dos Módulos de Apure, a promoção do cultivo e consumo de amaranto, assim como outros delírios semelhantes, terminaram sendo cortina de fumaça para um fracasso estrondoso.

Ainda na questão agrária, José Antonio Gutiérrez se lamenta por “não ter sido fácil alcançar a meta da soberania alimentar, porque a distorção da economia petroleira faz com que a produção de alimentos seja mais cara que a dos vizinhos”, o que soa como uma piada cruel, pois a escassa produção agropecuária que ainda se gera nos estados fronteiriços venezuelanos se exporta quando possível, pois a brutal desvalorização faz com que seu preço seja mais atrativo para os compradores dos países limítrofes. Vale lembrar que a

Venezuela pré-chavista se autoabastecia em uns poucos setores, como arroz, açúcar, café, cana e laticínios, que logo após o fracasso das estatizações passaram a ser importados, reforçando o que aqui chamamos de “agricultura de portos”, fonte de grandes corruptelas, já que o responsável pelas importações são membros do governo.

- José Antonio Gutiérrez levanta sua voz indignada contra “quem tem lucrado com a fuga de capitais mediante o milionário desvio de recursos provenientes do petróleo para contas privadas no estrangeiro, através do sistema nacional de administração de capitais”. Mas o que não menciona é que esse sistema se desenvolveu de tal modo que o consentimento de tais capitais está sobretudo nas mãos de membros seletos da alta burocracia estatal, que favorecem sem grandes impedimentos a nova elite *roja-rojita*¹⁵, além dos setores que já faziam parte da elite em períodos anteriores e por precaução mudaram de jaqueta. O controle de câmbios, estabelecido desde 2003, incrementou a fuga de capitais porque as transferências financeiras para o exterior aumentaram, já que o Estado em seu afã importador teve que apelar aos dólares para adquirir alimentos e demais bens e serviços

15 *Roja rojita* é uma expressão utilizada para designar os apoiadores do governo de Chávez, popularizada pelo próprio e pela propaganda estatal (N.T.)

não produzidos no país, além de dar ao setor privado a ocasião de lucrar oferecendo bônus e outros instrumentos financeiros.

Do Panamá, tem-se feito uma denúncia pormenorizada disso ao reivindicar uma dívida de aproximadamente 1 bilhão de dólares, o que foi a causa não-declarada do recente rompimento de relações. Por seu lado, o governo, apesar da pressão, se nega a dizer quais foram os agraciados ao receber divisas para importações. Assim sendo, não é compreensível que siga se referindo a uma “direita rentista” como uma elite paralela e completamente alheia ao regime atual que, sem dúvidas, é o único

que permite o acesso aos rendimentos que provém do petróleo. É certo que há setores políticos pró-estatistas que atualmente não usufruem dos proveitos dos hidrocarbonetos, considerando alguns ideologicamente identificados com a direita e outros com a socialdemocracia, mas, devido a essa exclusão, e de acordo com o que foi anteriormente dito, não se pode lhes chamar de rentistas nem identificá-los hoje como membros da elite do poder na Venezuela, como é feito no artigo comentado.

- Em relação aos setores oprimidos e explorados, José Antonio Gutiérrez afirma que estão em sua totalidade



(ou quase) no curral chavo-madurista, o que não parece desagradá-lo, já que nunca se preocupou em romper completamente com essa identidade, ao recomendar partir dali para construir uma hipotética alternativa futura socialista e libertária, embora sugira timidamente tomar medidas para defender o atual Estado, como subir (utiliza o sutil termo “harmonizar”) o preço da gasolina e reforçar controles para enfrentar problemas econômicos agora presentes. No coletivo editor de *El Libertario*, entendemos que recomendar uma via semelhante – partindo da defesa de um Estado profundamente autoritário para construir uma organização social antiautoritária – é uma absoluta incoerência com o que foi e é praticado e proposto pelo socialismo libertário em sua história.

Além disso, em vista a tudo o que questionamos do enfoque de José An-

tonio Gutiérrez, não pensamos que seja possível para quem observa a Venezuela aceitando e difundindo acriticamente pontos de vista que justificam a ordem atual estatal no país, concluir tão tranquilamente aconselhando aos eventuais correligionários que “é imprescindível compreender a real natureza das contradições sociais que enfrenta o ‘processo’. Não basta reconhecer que não é perfeito ou que, naturalmente, tem contradições. Essas contradições e limitações deve ser assinaladas, discutidas, criticadas e corrigidas. Não se pode ignorá-las, justificá-las, nem muito menos convertê-las em virtude e fechar os olhos diante da impecável ‘liderança’ do cacique da vez”. Esse é sem dúvida um conselho aceitável para os ouvidos ácratas, mas está em total discordância com o que o próprio autor do referido conselho manifestou ao longo de seu discurso.

Redação de El Libertario é um jornal e blog anarquista venezuelano. Texto originalmente publicado em seu blog, traduzido por Eduardo Cunha.